

REVISTA ANTI-MODERNA, ANTI-  
-LIBERAL, ANTI-DEMOCRÁ-  
TICA, ANTI-BURGUE-  
SA E ANTI-BOL-  
CHEVISTA

# ORDEM NOVA

CONTRA-

-REVOLUCIO-

-NÁRIA; REAC-

R. 81

-CIONÁRIA; CATÓ-

-LICA, APOSTÓLICA E

ROMANA; MONÁRQUICA;

INTOLERANTE E INTRANSI-

-GENTE; INSOLIDÁRIA COM ES-

-CRITORES, JORNALISTAS E QUAIS-

-QUER PROFISSIONAIS DAS LE-

-TRAS, DAS ARTES E DA IMPRENSA

Ano I

Volume I

LISBOA

1 9 2 6

# ANUNCIAÇÃO

«NÃO QUEIRAI CONFORMAR-VOS COM  
ÊSTE SÉCULO MAS REFORMAI-VOS EM  
A NOVIDADE DO VOSSO ESPIRITO.»  
S. PAULO, AOS ROM., XII, 2.

«*Não queirais conformar-vos com êste século*». As palavras intimativas do Apóstolo são ainda hoje a declaração de guerra que nós fazemos ao mundo moderno, — a *isso* que para aí se está desfazendo, cheio de todos os pecados, corroido por todos os vícios e tresandando odores fétidos de podridão.

Corpos pôdres, estigma miserável da humanidade decaída, arrastando pela terra desolada a sua marcha de forçados da eternidade! Restos do pecado antigo, lepra da matéria que se revoltou contra o Espírito e ficou a sofrer o tropeçar dos séculos, apedrejando os profetas, abafando a voz dos justos, calcando o desespero iluminado dos visionários de Deus, atirando aos ceus os braços impotentes que não puderam amparar a derrocada de Babel. E pela caminhada dos tempos, o mal ficou profundo, alastrando como uma maldição maior à negativa dos filhos de Caim, obstinados na farça macabra de desafiar a justiça divina...

E as almas dormindo: um sono pesado, um sono de cocaína, com visões delirantes conduzindo à região desolada das quimeras mortas... Não há vozes possantes que as restituam a si: não há verdades evidentes que lhes facilitem a razão. Só um chamamento sobrenatural as poderá restituir à sua finalidade. Só a quebra violenta de todos instrumentos que servem à absorpção do veneno, só a destruição bárbara de tudo o que contribue para a embria-

guês, só ministrando forçadamente contra-venenos poderosos, nós conseguiremos extinguir o mal.

Não nos iludamos: esta sociedade que contempla embevecida as suas últimas conquistas scientificas, que goza a rebolar-se na comodidade dos «maples» as maravilhas dos aviões e da telefonia sem fio, esta sociedade que procura aflicta quatro membros para se atirar às upas na carreira poeirenta do ginete do Progresso, esta sociedade sem senso moral, feita de novos inconscientes ou pedantes e de velhos dum caquetismo precoce; esta sociedade de judeus ávidos, com um olho sempre no cofre forte e o outro na face de António espreitando o momento de lhe tirar as duas onças de carne; esta sociedade de gente facilmente enriquecida, de filósofos amorais, de literatos pretenciosos ou cabotinos, de moços sem idéais, de mulheres sem pudor e de profissionais sem profissão, de homens cúpidos, gananciosos, ignorantes e cretinos; esta sociedade não ouve verdades que lhe não sejam ditas em voz bem alta, não recebe reclamações que lhe não sejam feitas ao som dos canhões, não atende pedidos senão quando se vê perdida e busca aflicta por qualquer preço uma tábua de salvação!

Desapareceram as boas maneiras, foi-se a honra e o cavalheirismo, apenas invocados quando dois sujeitos sem coragem para se defrontarem corpo a corpo e arrostarem com a opinião pública, se deliberam arranhar com uns arames aguçados. A magnificência cedeu o lugar à perduliedade; a grandeza foi substituída por europeis falsos de companhia de circo; em vez da valentia, a bravata, em vez da direitura imposta pela consciencia recta, a conveniência e a oportunidade, — uma coisa muito relativa a que hoje se chama a «seriedade dos negócios».

Homens em quem a dignidade viril cedeu lugar a uma relaxação torpe feita de falsetes na voz e de cobardias na alma. Mulheres prostituindo-se, oferecendo os corpos desnudos a quem os quer ver e as almas já sem o perfume da innocencia, a quem as quer possuir.

Americanismos soezes, écos dos batuques dos antepassados da Libéria, exotismos idiotas dum oriente de caixas de xarão, fumos dum ópio fabricado nas boticas de Mont-

martre, toda uma civilização de requintes grotescos e canalhas a perturbar a vida, a atirar de novo à superfície da terra a crápula da Roma do baixo império que o rolar vingador dos bárbaros reduziu a pó!

Indisciplina completa, confusão turbulenta no campo das sciencias e da filosofia; perdem-se as mais elementares noções sobre que deve assentar o conhecimento humano, para se substituirem por outras que uma filosofia falsa, não digna do seu nome, impõe fundada em certos palavrões sonoros.

Sofrem deste mal as sciencias positivas, invadidas por um materialismo torpe; sofrem dele, num grau altissimo, as sciencias sociais que são completamente transtornadas e falseadas pelas ideologias concebidas por ~~as~~svairadas imaginações; emfim, a própria filosofia deixando de ser a «*ancilla theologiae*», enveredando por caminhos tortuosos, entronizando a razão para divinizar o homem, — chegou ao momento mais grave duma crise que tem fatalmente de resolver-se, negando-se a si mesma, confundindo tudo e falindo estrondosamente, louca como o pobre Zaratrusta que é bem a sua personificação, o Anti-cristo que no auge do delirio, assinava as suas últimas cartas — o Crucificado!

Será preciso que apontemos o drama que se desenrola pelo mundo fora no governo dos povos? Será preciso que revivamos mais uma vez essa tragédia baixa, sem grandeza e com scenas de mágica-bufa que tem sido a democracia com as suas mentiras danosas e sangrentas — o sufrágio universal, a soberania nacional, o parlamentarismo, a opinião pública? Para quê nova exhibição do seu culto do Supremo Architecto, dos seus conselheiros do Constitucionalismo, veneraveis incrustações impantes de cordura e mais dos «supremos magistrados» do barrete frigio, moderados poderes moderadores, lamparinas frouxas que o azeite das maiorias alimenta mal e deixa consumir no morrão?...

Quem em face deste quadro, — das familias dissolvidas, dos governos impotentes e corruptos caminhando para a anarquia, dos homens mais do que nunca prevertidos, da vida artificialisada, da matéria triunfante, da razão falseada — quem em face de tudo isto, desde que tenha

uma alma sensível e uma inteligência clara, se recusará a ouvir as palavras do Apóstolo: «Não queirais conformarvos com êste século»?

\*  
\*   \*  
\*

«*Sou homem*», — dizia Terencio, o cómico. «*Sou homem e não julgo alheio à minha personalidade nada do que é humano*». Se pensarmos bem, os sinais que nós vemos manifestarem-se pelo mundo fora de reacção contra o que é moderno, não são mais do que consequências da revolta do homem contra o anti-humanismo desta civilização da máquina que tem por seus patronos o Ouro, a Carne e o Poder.

Anti-humano sim, consideramos nós êsse liberalismo estúpido que se apossou de todas as camadas sociais, querendo quebrar todas as disciplinas, negando a força do sangue, a voz dos antepassados, pondo de parte a tradição; repudiando as regras espirituais e querendo que a alma se guie ao sabôr do seu mesmo imperativo e a razão fique à mercê das regras que a si mesma queira conceder; finalmente aborrecendo a hierarquia e o poder e buscando uma fórmula pela qual a tirania se justifique pela soberania dos oprimidos. Ridículos e risíveis os libertadores! Superiores a êles, sem se importarem com as suas declarações verborraicas, os seus gestos de bachareis, os seus raciocínios que pretendem ser engenhosos e não passam afinal de grosseiros sofismas ou de alucinações sonâmbulas, as leis da natureza permanecem inalteráveis, as verdades eternas não deixam de o ser — e o mundo continua a sua marcha no Universo, e a ordem divina continua a realizar-se, pronta porém, a fazer-nos pagar caro a sua violação. «*Natura medicatrix*»: — A natureza resolve muitas vezes por si as doenças que nela surgem. Não duvidem os liberais: as suas arremetidas violentas contra a ordem natural das coisas hão-de ser tão ineficazes como a pedra que se atira a uma estrela. E quando, extenuados, julgarem ter derogado a ordem do universo, mais forte e mais equilibrada ela surgirá, deixando-os tão esmagados como fica-

ria o homem que na praia curvado sobre uma cova na areia julgasse ter bebido o Oceano e depois se erguesse e deparasse com os olhos brilhantes de triunfo, a imensidade sonora das vagas ..

Mas,

*Entre ceux que j'aspire a ne pas voir souvent  
je compte des premiers ces amples personnages  
ces doctes et ces forts, qui, pleins de verbiages  
vont la tête en arrière et le ventre en avant.*

*Je les trouve partout gonflés du même vent;  
ils savent qu'ils sont gros, ils savent qu'ils sont sages  
et fiers de tant peser, épanchant des adages  
estiment de nul prix tout autre être vivant...*

Sim! São anti-humanos êsses burguêses asquerosos que tranquila e comodamente se instalaram na vida e que agora a veem passar, só perturbados pela leitura sobre-saltada nos jornais das cotações da bolsa e das alterações da ordem pública, que amam só o imediato, Sanchos Panças sem a coragem de irem atrás dos D. Quixotes, raciocinando pelo critério da simplicidade, — «homens práticos» se dizem, — racionalistas ignorantes ou católicos com medo do Inferno, (disfarçado, já se vê, para não parecer mal), que respeitam todas as opiniões e não são pelo que êles chamam *os exageros* — est modus in rebus! — que fazem concessões nos dogmas e restricções na crença. Gente sem fé, sem ideal, sem elevação, preocupada apenas com as suas doenças gástricas e só desejando que não perturbem o aconchego do cobertor de papa e da botija elétrica; funcionários públicos que nunca souberam o que fosse auto-iniciativa, assegurado o ordenado certo, mal puderam acolher-se à sombra protectora do Estado, — espécie de ama recém-chegada da provincia — que diferente da burguezia que nós queremos formada de *élites*; classe social bem definida mas activamente colaboradora das classes inferiores quer nos mesteres, quer na finança, quer na burocracia, classe de dirigentes próximos orientada e dirigida

superiormente pelo escol intelectual e moral da nação — a nobreza rural, a Igreja, a tradição e a Inteligência!

E que diremos desses pretensos intelectuais que para aí pululam — dos poetas de nervos aguçados no deleite das sinfonias mórbidas, dos prosadores sem probidade moral nem artística, de todos os que fazem «arte pela arte» ou «arte pela vida» sem saberem o que é a vida! E êsses jornalistas obscenos que relatam todas as porcarias passionais, todas as misérias que o crime revela numa sociedade decadente, com copiosos pormenores, revelações sensacionais e tiradas românticas duma pretensão impossível e dum mau gosto inultrapassável? A solidariedade que entre si mantêm todos estes mestres cantores a que nem sequer faltam canções da primavera aparentando mocidade e frescura, a solicitude com se defendem, o carinho com que se amparam, a satisfação com que mutuamente encobrem as suas faltas sem se importarem com a justiça e pondo acima de tudo a *camaradagem*, é um sintoma que não ilude da qualidade da casta.

Êsses jornais de grande circulação, baluarte da opinião pública e do bom-senso, que de vez em quando apelam para as energias da raça do meio dos anúncios dos criadas de servir e dos concursos de cegádas, gente cordata, amiga de Deus e do diabo, ao serviço de quem mais dá e satisfazendo à lista os gostos preversos do público, êsses magazines que se ocupam de futilidades ridículas, que servem de albergue a modernismos falidos e que ilustram a história com a grande, a sensacional «documentação gráfica», essas revistas que nos dão páginas semanais de pornografia, — merecem-nos o mais fundo, o mais sentido desprezo!

Contra eles nunca é bastante a nossa indignação! Nunca são demasiadas as nossas invectivas! Nunca são tão brutais como deviam ser, as nossas palavras violentas!

\*

\* \* \*

«Sou homem», confessava o cómico. O humano protesta contra o anti-humano. A nossa revolta é a revolta

humanista em face do tudo o que contra a nossa humanidade se ergue. A Ordem Nova é a ordem humana, a ordem natural, a ordem divina, a única ordem.

De todos os lados bocas sequiosas procuram desse-dentar-se; de todos os lados inteligências ansiosas procuram a verdade; de todos os lados almas inquietas buscam o Bem: é o humano a manifestar-se.

Mas assim como se tenta matar a sede com vinhos exquisitos, esquecidas as nascentes da água puríssima, assim como as complicações da civilização vieram dar requintes novos à satisfação das necessidades primárias da vida, — assim as inteligências cansadas de materialismo se lançam num falso e ilusório espiritualismo e as almas sem verem claramente o Supremo Bem, se ficam em princípios vagos de altruismo, humanitarismo, solidariedade...

Há uma sede intensa de sobrenatural; busca-se o espírito activa e febrilmente. Pois não o demonstra toda a vida que se passa à margem da Igreja Católica, desde as mesas do espiritismo e as sociedades teosóficas até à moderna psicanálise, tentativa dum médico austríaco para achar as razões da nossa vida moral no fundo sombrio do inconsciente?

Por outro lado é ainda um grito de humanidade o regresso às disciplinas tradicionais que por êsse mundo se vai notando. Por toda a parte o clamor se ergue pedindo um chefe. Entôa-se pela Europa fora o elogio da Autoridade. Reconhecida a gravidade do momento requiere-se que no cortejo que passa o chefe seja precedido do *fascio* simbolo da justiça, no qual o machado simbolisa o *jus vitae et necis*.

E' também em nome do que é humano que nós nos proclamamos católicos e monárquicos, — colocados já nos dois termos da evolução espiritual da humanidade que acorda do seu sono profundo!

Monárquicos somos e bom é que claramente fique assente que o somos por uma forma integral e completa. Somos contra-revolucionários e vemos na reacção o único remédio para o nosso mal. Monárquicos, não que nos contentemos com um Rei que reine e não governe, mas porque queremos um Rei que reine e tenha a obrigação



de governar, um Rei que governe embora não administre, que seja verdadeiramente o chefe, chefe económico, chefe político, chefe nacional. Um Rei que com o seu poder concentrando, rodeado pelas suas élites, assistido pelos conselhos técnicos, aconselhado pelas Côrtes-gerais, seja, parafraseando a frase de Maurras — o chefe das repúblicas portuguesas.

Monárquicos porque somos nacionalistas: queremos, não um regresso ao passado, mas um demorado olhar a consulta-lo sobre a direcção dos nossos passos para o Futuro, queremos que a nação se una num mesmo ideal colectivo e que todas as forças nacionais, — nas letras nas artes, nas sciencias, nas indústrias e nos campos, — se congreguem servindo êsse ideal, tendo por fito aquela «nacionalização integralista» que Fialho lastimava que os escritores do século passado desconhecessem quasi completamente. (1)

Mas não é a tradição que nos leva à profissão de fé católica: não! Mais alto do que a voz dos mortos, ouvimos nós a voz de Cristo. E neste momento de ansiedade e inquietação, sem querer, os nossos olhos buscam a cidade eterna esperando dela a lição inspirada que nos orientará.

Não nos satisfazem essas soluções meio-termo que se propõem à grave crise que atravessamos. São illusórias satisfações ao anseio enorme que se sente no mundo e que só podem satisfazer aquêles cuja sêde é de fácil extinção, os que não teem coragem para ir mais longe e os que entendem que se devem pôr à margem, adoptando atitudes que uma estética convencional lhes aconselha e olhando o mundo indiferentemente com uma impassibilidade rebuscada de super-homens.

«*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*» são as palavras do Senhor. E só na sua doutrina nós encontraremos toda a paz e toda a certeza de que as nossas almas estão carceradas e que as nossas inteligências estão suplicando.

Mais alta do que a névoa de morte que anestesia as almas uma claridade de Infinito acorda nos corações doloridos dos homens a saúde de Deus.

<sup>1</sup> Barbear, pentear.

A melancolia indefinida dos que não teem esperança, a dor morta dos que se perderam da verdade, a fome dos pobres e dos desgraçados, o desespero surdo dos que se obstinam em negar a Deus, — toda essa mancha sombria estremece e oscila ao contacto irresistível dum vento novo, dum vento eterno, sopro divino que agitou o cáos, separando a luz das trevas e arrancando ao Nada o assombro do Infinito!

Que a estrela alta dos tempos biblicos se não afaste dos olhos ansiosos dos que não esqueceram ainda a paisagem inefável que no dia sobre todos triste da queda o homem foi forçado a abandonar. Uma saúdade sem fim atravessa os séculos; viveu a angústia indisivel dos tempos abandonados da graça que a voz dos Profetas animava de longe em longé; arrastou-se desde o cativoiro do povo eleito numa esperança baldada até à terra da Promissão. Cria novo alento quando a estrela de Bethlem annunciou aos homens a vinda do Redentor; agora o caminho ilumina-se: é uma vereda de sonho aberta pelos passos doloridos do Filho de Deus que enfim reconduz a Humanidade ao paraizo perdido.

E' o momento supremo: começa mais desesperada, mais bárbara, mais cruel, a luta entre a Matéria e o Espirito iniciada com o grito ousado da rebelião dos anjos, e que, neste momento, no limiar rasgado donde o amor do Pai nos chama ansioso por encontrar de novo os filhos transviados, atinge o auge da crise.

Duelo entre a Verdade e o Mal, éco da primeira luta que chega até nós ampliado pela resonância dos tempos, — que a Graça de Deus desça do alto em nossas almas, as tempere na firmeza dos bronzes eternos contra os quais se quebram as potências tenebrosas, concedendo-nos a força viril para defrontar o Erro e para, como o Arcanjo, o prostrar vencido a Seus pés!

# O diabo feito músico

*EMITTE SPIRITUM TUUM, DOMINE, ET  
RENOVABIS FACIEM TERRAE.*

Na iconografia cristã-popular, o diabo tem uma configuração rebarbativa, dura, sem atributos de sedução directa. A intuição sapiente das gentes cristãs fixou-lhe a natureza de tentador e de corruptor e para representa-la com verdade, deu-lhe um perfil sombrio e tenebroso.

Estava ali um diabo visível, de plástico contôrno, exalando cinismo, mas sem a heráldica gentil e dulçorosamente cativante do bom tom.

Ver-lhe a cara era ver-lhe o coração. Era um diabo criado em plena fermentação realista, e configurado num expressionismo directo. O tentadiço homem erguia entre si e a tentação o pesadelo sombrio do Inimigo. Reparemos nesta correspondência entre a espécie espiritual e a espécie artística. A projecção simbólica não nos ilude sôbre a tenebrosa entranha do Inimigo, porque no-la apresenta tal qual é. Para o meu espírito, êsse traço de sabedoria exala um perfume de saúde e documenta a espécie espiritual que o produziu.

Daqui se extrai uma tèse que tentarei desenvolver perante os homens do meu tempo, sejam quais forem as inspirações que lhes ditem o sonho, o movimento e a maneira de conceber a realidade.

O plástico convém metafisicamente, ao espiritual, ao invisível; eis a parte positiva da tèse.

O musical convém metafisicamente, ao naturalismo sob a sua forma aparentemente espiritual, — eis a parte negativa da tèse.

As idades robustas pelo espírito que nelas gera o impeto criador, pela fortaleza interior, pela clara sensibilidade, corresponde a espécie plástica na ordem da arte.

É nesse proporcionamento entre a qualidade da vida interior e o processo de representação dessa mesma vida que pode achar-se a natureza ideológica de cada idade.

As grandes idades são fortemente espirituais e fortemente plásticas e mesmo quando uma idade como a do Renascimento nos pareça desmentir havemos de teimar em afirma-lo. O Renascimento deu-nos a maravilha pictural, mas deve dizer-se que êsse picturalismo convinha ainda a uma certa robustês espiritual que viera gera-lo.

O próprio cristianismo nos dá as mais altas documentações plásticas. Ao contrário, o Oriente dá-nos um plástico absurdo. O plástico não convém à espécie espiritual do Oriente feminino. O plástico é nobremente masculino.

A Idade-Média deixou-nos a maravilha clara da arquitetura. E assim as grandes civilizações do Atlântico e do Mediterrâneo traduzem a verdade da tésese que, em breves traços, estou formulando. A própria civilização germânica anteriormente à sua corrupção pela metafísica e pela música convinha a espécie arquitectural. Os exemplos referidos cabem todos dentro da minha tésese. Se comecei por notar a representação plástica do diabo foi porque ela, no seu pitoresco, na sua espontânea origem, sobreleva as outras. Na verdade, esta configuração do Inimigo traduz um estado psicológico a medir e apreciar com assisada atenção. Deixa-nos uma dramática lição. Há mesmo, um "largo sentido épico nessa intuição do Inimigo. Há uma forte masculinidade nessa forma de visão. Uma idade que vê, sente e representa dessa forma o Inimigo, é uma idade que se quer defender. É uma idade forte. O plástico dá-nos um sentido de fortaleza interior. Não engana ou engana pouco. E' *directo*.

Benditas as idades que se guardam dentro das fronteiras simbólicas do plástico, para que o perfume se não disperse em vâdias exalações, por caminhos de delírio...

Ai delas quando fatigadas e já outoniças se deixam tomar da venenosa doçura dos nevoeiros espectrais, dos plásticos esgarçados; aí, a circesca manobra do Inimigo que deslisa e se vai inserindo solertemente, nas almas enfermiças e desconsoladas. Doçura aparente, artificial, grande ilusão dos que perderam as grandes certezas, toda ela se derrama ritualmente sôbre os nossos horisontes, numa luz fatigada e doente incidindo sôbre os nervos para lhes dar o tonto engano de viver. Aí a inflexão interior! Como ela é perdida!

A nossa idade sofre desse engano tonto. Tentadiça idade, devora-a o pecado e ela não logra defender-se porque lhe falece a energia plasticisadora. A nova idade ajoelha diante do *desmaterializado* e sob esse *desmaterializado* vão caminhando rios de materialidade. O paradoxo é flagrante. Dir-se-á que o material é inimigo do espiritual, no que vai colossal engano. O *desmaterializado* é o verdadeiro inimigo do espiritual.

É por isso que o diabo se vai *dessolidificando*, abandonando a aparência simbólica que o andava comprometendo. A sabedoria cristã amarrara-o à configuração plástica. Não se lhe enferrujava a gazúa nas mãos, mas o seu mister fazia-lhe sofrer inclemências danadas. Era a sua maldita figura a compromete-lo.

Por isso, não me admira que êle agora se *desmaterialise*, e nos cante debaixo das grandes arcadas modernistas a embruxadora música dum novo *divino*, dum nova mensagem aos ouvidos enfermos da idade que se está formando.

Conhece o leitor a nova ideologia de complexa estrutura mas de saliente unidade que nos dão as soluções panteístas — espiritistas — teosóficas... Conhece ainda, o leitor, a moderna paixão do ouro, do que o progresso industrial nos traz levando-nos o gosto pelos velhos conceitos da qualidade. Tudo isto *desmaterialização* e *materialidade*, nova teoria do *divino* e sentido materialista da vida, pretende inutilizar o velho humanismo cristão, humanismo velho porque dura mas não envelhece a não ser nas almas que o acalentaram e hoje, *procuram viver matando-se*.

Tudo se *desmaterialisa*...

*Desmaterialisa-se* o nobre e forte tipo físico da mulher para se converter numa finura musical de linhas, num sistema de traços em que estremece a degenerescência interior. *Desmaterialisa-se* o Inferno, não para acreditar numa realidade de ordem teológica mais humana, mas para desacredita-lo de todo. *Desmaterialisa-se* a natureza, fazendo-nos sentir nas suas entranhas, na sua substância, a fluida palpação pan-teista a captar numa feminina operação naturalista. Reputo alarmante o fenómeno, pois traduz a insuficiência dos espiritos para manter em pé, renovando-o constantemente, o nobre teor de vida que tanta grandêsa nos deu. As metafísicas da desmaterialisação e da mobilidade infatigável, levam-nos ao seio nevoento dos religiosismos espúrios. Não é o horror à matéria, não! A matéria vil fica em pé, num encantamento para as imaginações, gerando audácia e construindo a cidade utilitária e a cidade da luxúria. A unidade é clara. O que se afunda é a matéria nobre e com ela todo o realismo.

E nós não sentimos que o Inimigo se distribui em tentáculos de dominio realisando nas novas esplanadas o seu tenebroso imperia-lismo. E' um segundo paganismo que se constrói sem a geométrica austeridade dos tempos heroicos e religiosos do primeiro paganismo, — ainda não havia passado através das almas o estremecimento inquietante do cristianismo! — muito diferentes do segundo, porque tem sido architectural e escultural o primeiro, é musical e desmaterialisado o segundo. A têsè vai ganhando solidez. A espécie musical convém notavelmente à espécie interior que alimenta a nova idade.

Sentiu-o a Igreja pela boca da sabedoria de Pio X ao escrever estas palavras: — «*ou por causa da natureza desta arte flutuante e de si mesma variável, ou por causa da alteração gradual do gosto e dos costumes através dos séculos ...ou por causa do prazer que a música produz directamente e que nem sempre é fácil conter em justos limites... há uma tendência continua para se desviar do recto caminho que leva ao fim que a arte deve realizar ao serviço do culto e que é marcado muito claramente nos cânones eclesiásticos*». E depois nesse mesmo notabilis-simo documento (*o motu proprio* de 1903), o Sumo Pontifice ensina claramente qual o papel que à música cabe dentro da Igreja: «*A música é uma parte da liturgia, a sua humilde serva.*»

Era assim que Pio X vinha atalhar a manobra da corrupção pela música. Na verdade, a emoção musical é perigosissima. O falso aristocra-tismo espiritual gerado sôbre a música é um documento vivo da corrupção moderna. A música é a arte mais próxima do materialismo. Quís afasta-la desse êrro a fina sabedoria dum Pontifice. A nós católi-cos cabe o dever de reconhecer a sua natureza corruptora. *Há os pro-cessos* da música, dessa entontecedora e feminina configuradora do in-definido e avêssa ao sentimento do infinito. Só uma incapacidade de respiração mental nos tornaria difficil entender esta verdade. Notemos que as zonas espirituais aparentemente mais altas são as que mais perto ficam do tenebroso e do inferior. *Qui veut faire l'ange, fait la bête*. Não tenho em vista ofender os naturais direitos duma arte que tanta beleza pode oferecer e que, por ser dada por Deus aos homens, para louva-l'Ó pode e deve servir.

Quero apenas fazer a critica do morbus musical e fazer sentir que essa espécie artistica, de maneira alguma, pode ser proposta como a expressão do absoluto e dos grandes e serenos horizontes.

Considerarei os sintomas duma crise, sublinhei a moderna simpatia pelo desmaterializado, pelo anti-plástico, pelo musical, simbòlicamente falando. Mas, por Deus, que as pessoas lidas em anti-belfegorismos me não suponham um discipulo de Julien Benda. Benda interessa-me pelo lado critico, apenas. E' um cartesiano, eis tudo. A' minha luta contra o morbus musical preside uma ideia cristã e, por isso, altamente humana. Quem tiver lido a minha *Teoria do Humanismo* publicada na revista «Gil Vicente» sentirá até onde desejo ir. Sinto na música o grande derivativo do naturalismo.

Eis a minha tèse, fragmento de um todo construtivo em que, de há muito, me empenho de ânimo fervoroso.

Mas eu quero documentar o meu pensamento, embora nunca me tente o recurso à erudição. Faço-o agora, porque é necessário justificar-me.

O sr. dr. Aarão de Lacerda, um homem a quem devo prestar a consagração do meu respeito pelo seu espirito investigador, encaminhando-se para um germanismo que eu engeito de todo o meu espirito, dá-ma na revista «Dyónisos» razões de sobra nas palavras que reproduzo: — «a evidência dos poetas que levantava no etéreo esta perspectiva, a escalada frenética, prometaica de ir buscar o fogo onde êle crepitava e escandecia! Era um *Einfühlung* mistico que tinha nos seus designios ambiciosos uma concepção do mundo...» Poderia deter-me na palavra *Einfühlung* para lhe desdobrar o sentido mas o espaço não comportaria esse desenvolvimento.

Diz ainda o dr. Aarão de Lacerda: «Como expoente máximo da Vida, uma estética contemporânea, defendendo com paixão aquelas obras de beleza onde a plasticidade musical existe e sobreleve a plasticidade plástica.»

Depois encostando-se a Chamberlain, Walter Pater e Spengler resume o seu pensamento: «a revelação do instante que vivemos, numa revolta, num incêndio de ideais que a Grande Guerra ateou fazendo-os flamejar bem alto.»

Ora tudo isto é grave, meus senhores. Conheço Chamberlain que leio e releio. É êle mesmo que se refere a Walter Pater cujo capítulo sôbre a Escola de Giorgione no seu livro «Renascença» ao contrário do que parece a Chamberlain e a Aarão de Lacerda tem um alcance um pouco diferente.

Tem agora a palavra o conhecido Camilo Mauclair. Diz êle. «La musique est le rythme, c'est-a-dire, toute la metaphysique. Elle me hante. C'est une dépersonnalisation instantanée...» Mais ainda...: «elle peut encore impunement nous donner en plein modernisme athée, le spectacle mystique des exaltations du moyen-âge, avec ses moines, ses extasiés, ses rituels et ses grands saints aussi... Ainsi celui qui a admis l'émotion et la consolation musicale dans son existence est devenu plus esclave que l'alcoolique, le fumeur d'opium, l'etheromane ou le luxurieux».

Romain Rolland diz (Antoinette pags. 122) «La musique est un des grands dissolvents modernes».

Como Beethoven estava longe de advinhar o temeroso desvio que vieram a ter as suas palavras: «*Eu sou um novo Baco que vindima um vinho embriagador da humanidade*».

Assim eu entendo o que se lê na «*Revue des Jeunes* (Nov. 1925) «*Construire c'est combiner les forces rebelles qui la froissent (l'âme) en un docile et stable assemblage. Victoires d'adresse que tous les arts et dont la plus triomphante est la architecture; elle seul nous rend un monde fait par nous où nous sommes livres. La musique aussi puissante est perfide, elle bouleverse ou désagrège celui qui n'est pas son maître celui que ne peut s'évader à volonté de ses palais sonores.*»

Barrès, esse nobre evocador da sensibilidade que estava longe de ser um árido, escrevia à cerca da música: «*je la redoute, je l'évite, je ne veux rompre l'harmonie de ma pensée en laissant des violons et des flûtes me communiquer leur angoisse* (Prefácio do livro de Coeu-roy «*La musique et la littérature*»).

Nada mais é preciso para dar foros de cidade à tese que deixo enunciada.

Preocupado em integrar numa unidade viva, realista, as aspirações eternas da alma humana, avesso à onda de patética, de emoção e de sensações elementares, de sub-consciente, de naturalismo enfim, não cuido senão em definir as grandes certezas.

Nada há que se pareça tanto com a espiritualidade inferior como a espiritualidade modernista de que a música é bem um símbolo.

O inferior pretende usurpar o lugar do superior, tomando-lhe a côr mística.

Há um misticismo formal, o misticismo cristão. A sua *matéria* no sentido metafísico investe-se dum valor que o *formal* lhe confere. Há um misticismo *material*, todo naturalista, sem a consagração fecundante do sobrenatural.

O misticismo de que a música é o expoente é o misticismo naturalista.

*Domingos de Gusmão Araújo.*

Os povos modernos não se governam por anacrónicas constituições e por importunos códigos. Não se contentam com palavras. Governam-se por interesses. Integrar os interesses económicos com os interesses morais e com os interesses estéticos, e pôr, quanto possível, de acôrdo o interesse de cada um com o interesse de todos, eis a missão da política. — *Ramalho Ortigão, Rei D. Carlos, o martirisado.*

# A renovação escolástica

Se não fôsse costume inveterado nos portuguezes o esperarmos a consagração da França, para mudarmos de rumo tanto na actividade social como na do pensamento, a renovação tomista não mereceria a estranheza com que a acolheram pois deveria ter-se dado há muito e nas gerações formadas nos últimos decénios do século passado. A enciclica de Leão XIII que de novo, e rompendo a estupidez do século, proclamava Santo Tomás d'Aquino «*princeps et magister*» da filosofia que devia restaurar o equilibrio do pensamento perturbado pelo cartesianismo, pelo kantismo e pelo positivismo, — e estas três correntes nas suas variadas modalidades, — foi publicada em 1879. Desde então nem Leão XIII, nem o seu glorioso successor, Pio X, — jámais esmoreceram na intenção de promover um mais completo conhecimento do grande Doutor.

Pouquissimos portuguezes obedeceram então à voz de Roma. E se exceptuarmos os nossos Bispos, que nos seminários foram criando cadeiras de filosofia escolástica e quanto lhes era possível alentaram a transformação dos métodos do ensino da filosofia, pode dizer-se que somente o Dr. Ferreira Deusado, — cuja memória illustre todos devemos lembrar como um precursor da nova ordem, — com tenacidade prosseguiu e com intelligência compreendeu as indicações de Leão XIII.

Bem diferentemente se procedeu em França e, com maior segurança ainda, na Bélgica onde Mercier, em 1882, após demorados estudos directos do pensamento de Santo Tomás e do seu confronto com as teorias modernas das matemáticas, da medicina, da história natural, da filosofia, — pacientemente estudadas nos cursos e nos laboratórios



dos mestres consagrados, — começava, com a exposição metódica do tomismo, a organizar o processo da chamada filosofia moderna.

Entretanto Portugal, perdido em lutas políticas sem elevação nem beleza, conservava-se estranho, ou quasi, ao grande movimento por Leão XIII inciado e ao qual Pio X pelo seu «*Motu proprio de studio doctrinae S. Tomae Aquinatis*» de Julho de 1914, — a poucas semanas da Grande Guerra, — dera um impulso inolvidável. Ainda mais acentuado pela incompreensão boçal da missão civilizadora da Igreja Católica, tão claramente manifestada pelos nossos homens de pena, foi possível o criar-se uma reputação séria de pensador a um homem como António Sergio, — caso patológico de falsificador nato, — e como Leonardo Coimbra, — caso de intoxicação verbal, vulgar em regime de parlamento parlapatão e palrador, — o qual (em 1919!) não recuou perante o desaforo de suprimir a Faculdade de Letras de Coimbra sob a acusação, embora falsa, de ministrar aos seus alunos doutrinas tomistas.

Agora, louvado seja Deus! tudo mudou: — o sr. António Sérgio é desprezado, como merece, e o sr. Leonardo Coimbra tomado por um *blagueur* que pensaricou somente para se lançar, com audácia ao mesmo tempo esperta e grotesca de cabotino. O conhecimento do tomismo renovado imprimiu novas direcções à vida mental da juventude portuguesa.

E' de recear, porém, que se tome a Escolástica apenas por uma novidade — e como tal se aprecie. Ora a verdade é que o desconhecimento da filosofia da Escola coincidiu com o desconhecimento da história da filosofia portuguesa, das suas características e das suas finalidades. Mas como admirar-mo-nos disso, se a filosofia portuguesa, desde Pedro Julião, era, toda ela, impregnada de espirito escolasta? O desprestigio da filosofia perene devia na verdade compreender o desprestigio da filosofia portuguesa. A vitória de Cartesis, dominando os espiritos, não subjugou imediatamente o pensamento português, — ou, para dizer melhor o pensamento hispânico. Neste recanto da Europa, como baluarte do puro espirito cristão, já a desordem campeava por toda a parte, e ainda se procurava o equilibrio

pelos serenos métodos e as indicações esclarecedoras de Santo Tomás. Só muito mais tarde o bárbaro raciocínio dos anti-escolásticos, venceu. Mas desde então nunca mais se alcançou em Portugal a elevação do pensamento a que nos alçáramos através do século XIII. Muita gente, na esteira desacreditada de um filosofismo moribundo, encolhe desdenhosamente os ombros à lembrança dos nossos filósofos seiscentistas, chamando-lhes, como um insulto, — *comentadores*. Eles não os leram porque êsses homens escreviam em latim e o latim nas nossas escolas é apenas um pretexto para que se afirme a vantagem do ensino público; mas ao fim de cinco anos de latim nos liceus, qual dos nossos rapazes, com excepções raríssimas é capaz de traduzir um texto sem trabalho insuportável?

Mas não falem os ridiculos pretenciosos com bronco desdém dos *comentadores* que não leram. *Comentar* não significa *adoptar sistemática e subservientemente*. Os *comentadores*, baseando-se nos ensinamentos do Angélico Doutor, dos restantes escolastas e de Aristóteles, pretendiam ampliar as doutrinas estabelecidas e esclarece-las com os conhecimentos *certos* que se fossem adquirindo. Que são os discipulos de Kant, de Descartes ou de Comte, senão puros comentadores, e às vezes inferiorísimos, do pensamento daqueles filósofos? Pelo amor de Deus, não nos fixemos em uma simples guerrilha de palavras! São pouquíssimos os nomes que alcançando uma visão pessoal do universo, conseguiram organizar um novo e completo sistema filosófico. E as raizes mais fundas de todas as facetas do pensamento moderno, podemos nós ir encontra-las na Grécia, — e estuda-las depois na Idade-Média muitas vezes rectificadas e applicadas a uma vida social organizada que só existiu nas democracias gregas em embrião.

*Comentar* é *criar* muitas vezes; — é *rectificar, esclarecer* quasi sempre. Os nossos comentadores com servirem Aristóteles, nem por isso occultaram a sua personalidade. Doutrinas fortes, como o tomismo, illuminão-se com o comentário dos mestres que na Universidade de Coimbra, escreveram um dos mais perfectos e lógicos capítulos da história do pensamento humano.

Não é, pois, a Escolástica na sua actual renovação uma novidade atrevida que só como tal podemos seguir. E' o próprio pensamento ressuscitado, — é o próprio espirito da civilização a que pertencemos e que, mais do que ninguém, propagamos em todo o mundo, o que nós saudamos agora no renovamento maravilhoso do Tomismo.

MANUEL MÚRIAS.

---

### A SANTA TERESINHA

Santa Teresa do Menino Jesus está canonizada, — e isso basta para a impôr ao nosso respeito e veneração. Mas não podemos deixar de protestar com toda a veemência, contra a forma como se está fomentando o seu culto e como se está prevertendo em devoções dólico-doces e com historietas de mau gosto o culto que a Santa Igreja lhe manda tributar.

Apossou-se dela a piedade feminina que a romantizou e mundanisou. Santa Tereza entrou nos salões e nos boudoirs e pôs-se à moda. Desde o diminutivo do nome, amaneirada forma importada de França, até à exhibição em espécie ou fotografia dos sapatinhos dos 3 anos, da cabeleira dos quinze, e das agulhas de crochet da Santa de Lisieux, nada tem faltado, nem sequer o bedelho da Sr.<sup>a</sup> Delarue Mardrus que entendeu que devia também meter-se em coisas sérias que não são propriamente do dominio da sua estafada lira.

Por amor de Deus! Tenhamos respeito pelos assuntos sérios e não arrastemos por terra as coisas do Céu!  
— M. C.

# Os Apóstolos das Coisas

(Canto dos Lavradores)

*(Ao Pequito Rebelo)*

**N**ÓS somos os Apóstolos das Coisas, e quando lhe  
prégamos o amor,  
Elas entendem-nos, porque florescem.  
O ar bom que se respira somos nós que o criamos,  
Porque temos o poder de mudar os climas.  
E as nuvens do ceu obedecem-nos, como ovelhas mansas,  
nos prados.

Nós chamamos ao bom caminho, desviando-os do leito  
inutil,  
Os rios maus e transviados, dirigindo-os no dever de regar  
os campos.  
Nós damos de beber a cada folha um trago de luz, a cada  
raiz uma sêde de agua,

E choramos sobre as nossas culpas, se o verão é sêco e o  
outono gelado...

Nós temperamos os gêlos das madrugadas nos suores das  
nossas frentes.

E cada arvore que plantamos é um ramo erguido a Deus,  
Que, em paga das flores, nos dá os frutos.

E porque assim somos, tudo nos louva e engrandece.  
Os passarinhos vôam, em cruz, a abençoar-nos a sementeira,  
As suas vozes apenas dizem: «*lavrai, regai, criai...*»  
E quando alegremente poisam na terra e nos ramos,  
E a rêlha do arado faisca ao sol, alumando o rêgo,  
Debruçam-se, enternecidos, a ver as delicias que lhe se-  
meamos.

Depois, quando as Coisas do campo nascem e crescem  
Sorrimos-lhes, contentes, como a filhos no berço.  
E se uma seara adoece, sobre as espigas mortas, por terra,  
Vertemos lagrimas, a sofrer, como numa sepultura.  
E para salvarmos as plantas da trovoada,  
Quantas vezes damos a vida por elas!...

E o nosso bemdito amor pela terra nunca descança,  
«Porque as leiras virgens, sem fruto, são terras de perdição,  
Onde a luz do céu morre sempre de tristeza,

Como a santa graça de Deus, no coração do impio.  
E, por isso, deixamos ao filhos este preceito:  
«Cavai a terra, fecundai-a, porque Deus andar  triste.  
Emquanto na terra houver uma leira sem fruto.

E somos nós, que, a semear, embelezamos e salvamos a  
Vida!...

Venham até nós os sabios e as escolas, os filósofos e os  
artistas,

Porque somos pobresinhos e sustentamos o mundo,  
Não conhecemos as Letras e temos a Sciencia da Vida,  
Não aprendemos a Arte e somos os pintores da Terra!

As nossas mãos são duras e feias, mas são elas que tra-  
balham a luz do sol,  
Donde tecem a seda das rosas e o oiro das espigas.

---

São toscas as nossas falas, mas é entre nós que os passarinhos gostam de cantar,  
É bravio o nosso génio e mudamos o toiro bravo em cordeiro.  
É rude o nosso convívio e Deus anda a toda a hora connôscosco.

Os nossos pés são pesados de abrirem as verêdas  
Que levam a semente onde as estradas não chegam;  
E estas verêdas brancas dos campos, scintilando ao sol,  
São os câminhos dos Apóstolos da Natureza.

E estes Apóstolos, a quem Deus sorri, somos nós,  
Que logo de pequeninos, mal erguendo a enxada,  
Recebemos a graça e o poder de criar as Coisas.  
E pela vida fora, ao começar os trabalhos de cada dia,  
Traçamos, da frente ao peito, a cruz de uma oração.

Para que todas as Coisas nasçam e se criem,  
Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

E porque assim somos, gloriosos e simples,  
Bemdito seja Deus que nos fez lavradores,  
Porque muito nos quere.

(Do livro *Amor de Deus e da Terra*, a sair em Abril)

*Nuno de Montemór.*

---

Reagindo com mística bravura, por mercê duma crença estabelecida em bases orgânicas, contra a mentira caduca e já arruinada da actual sociedade politica e económica, os integralistas são os portugueses que *sabem o que querem.* — *Afonso Lopes Vieira.* Em demanda do Graal.

---

## As bases da economia nova

Jorge Valois, na *Économie nouvelle*, lançou as bases do regime económico que há-de suceder à destroçada economia liberal, que o socialismo não poderá substituir senão efémeramente. A uma sociedade sã há-de corresponder uma economia sã — e a ordem nova reinará, levando a paz aos espíritos e garantindo o trabalho de todos, sempre num sentido nacionalista que perigo algum oferece porque será penetrado de cristianismo.

Tentarei esboçar o que será a nova economia—renovação da economia medieval, quando o amor da profissão, o justo preço e a justa remuneração eram realidades seguras. E' Valois, o Valois sem *fesse* que não decapitava a sua doutrina porque não esquecia a necessidade do Rei, o Valois que obedecia ao lema sempre verdadeiro do *politique d'abord*, que me serve de guia.

A economia liberal, essencialmente individualista, assenta na falsa lei da oferta e da procura. Para nós, católicos, é ponto de fé que todas as coisas no mundo estão ordenadas segundo um plano providencial. A denominada lei da oferta e da procura é contrária aos dados mais elementares da justiça e da moral. Como poderia existir tal lei, se elle iria contrariar o plano divino?

Mesmo sob um critério estritamente científico, positivo, podemos negar a existência da lei da oferta e da procura.

Jogando com a intensidade do desejo do comprador, um merceeiro, por ex., vende um produto qualquer por um preço exorbitante. O comprador dirá — e com razão — que foi roubado. No entanto, nada se lhe poderá fazer, porque o merceeiro estava ao abrigo da lei da oferta e da procura. Os exemplos multiplicam-se, porque se notam na vida de todos os dias. Se o comprador se defendesse, recorrendo à força seria preso. Mas o merceeiro que não deixa de cometer um abuso, é protegido. Logo, o Estado que protege o detentor dos produtos contra o comprador, é que assegura, pela sua autoridade e pela sua legislação a existência da lei da oferta e da procura. Desaparecesse essa protecção do Estado — e o merceeiro não roubaria livremente, sendo coagido ao justo preço pelo consumidor indignado.

A crítica à lei da oferta e da procura ninguém a fez melhor do que Lenine, criticando-lhe os efeitos; «Os capitalistas chamam sempre liberdade à facilidade com que os ricos podem fazer os seus negócios, enquanto os pobres vão morrendo de fome».

De facto, o liberalismo, político e económico, conduz à ignóbil plutocracia, sem pátria e sem honra, que hoje suportamos e que está cavando a ruína total da nossa civilização, se não conseguirmos discipli-

nar a finança, pondo-a ao serviço da nação e reprimindo-lhe a ambição desenfreada. Hoje reina o dinheiro. E Jesus Cristo bem estigmatizou êsses ricos, cujos sentimentos inspiram a civilização moderna, grosseiramente materialista e escrava do ouro, dizendo, que mais facilmente passaria um camelo pelo fundo duma agulha do que um rico entraria no reino dos céus. E não foi acidentalmente que Nosso Senhor preferiu esta sentença. Lá vem nos Evangelhos que não se podem servir dois senhores ao mesmo tempo. E a começar o admirável Sermão da Montanha diz-se: «Bemaventurados os pobres de espírito, porque dêles é o reino dos céus»; pobres de espírito, isto é, pobres, em espírito, aquêles que possuem o espírito da pobreza, sendo antes os senhores que os escravos do dinheiro. O que será então uma sociedade onde o ouro seja soberano?

Ora a economia liberal, que dentre todos os factores da produção deu um logar predominante ao capital (no que mais uma vez errou, porque o capital é apenas um produto do trabalho), a economia liberal, que escravizou todas as forças do Espírito à plutocracia, é a antítese perfeita das doutrinas cristãs. Falsa e revoltante, dando, em nome da liberdade, todos os poderes ao capitalista e ao comerciante contra o produtor e o consumidor, era fatal a guerra civil e social, que atingiria a intensidade máxima, quando os proletários se pudessem enquadrar num corpo de doutrinas, por cuja aplicação místicamente combateriam.

A economia socialista é lógica nisto: desde que existe a democracia política, porque não existirá também a democracia na Produção? Se na vida política já não há chefes, com a supressão do Rei, também na vida económica não se explica o patrão, devendo os operários ser os próprios a organizar a produção. A isto se tendia, dada a luta de classes, cada vez mais aguda, e a crescente concentração capitalista, que teria por termo a Revolução Social e a ditadura do proletariado. Ora nós negamos a existência de classes económicas. Na mesma produção, operários e patrões têm interesses solidários, a que se deve atender, solidariedade que já não existe entre o operariado ou o patronato em massa de todo um país. Também no exército os soldados de artilharia, por ex., são mais solidários com os seus oficiais, os oficiais da mesma arma, que com os soldados de infantaria ou outros quaisquer. A luta de classes é uma mentira. Na Rússia, que é uma lição viva, age-se em nome do operariado, mas não se vê a ditadura do operário: é uma ditadura de homens saídos de todas as fileiras sociais, que procedem em nome de uma ideia, especulando com a luta de classes para fazerem alastrar o seu domínio por toda a Europa e pelo mundo inteiro. Também a concentração capitalista é uma fábula, pois que as empresas mais poderosas são constituídas por muitos accionistas, o que prova que a riqueza, ao contrário do que pensava Marx, não vai pertencendo a um número cada vez mais reduzido de pessoas.

A revolução russa de 1917 determinou a princípio que a produção fosse dirigida nas fábricas por *soviets* de operários. Como êstes tivessem falhado, substituiu-os por funcionários que nas fábricas passaram a exercer um poder despótico, que nem por isso impediu a diminuição e a desorganização da produção e por consequencia a fome. E final-



mente, para que nem tudo se perca, a pouco e pouco se vai restabelecendo na Rússia vermelha o odiado patronato, porque os nomes se valem pelas ideias que encerram.

Outro principio da economia liberal é a liberdade de trabalho. Vejamos as ignóbeis consequências que dela resultam. O operário, isolado, desprotegido, em face do patrão, vendia a sua força de trabalho por um preço maior ou menor, conforme a mão de obra fôsse rara ou abundante. Contando-se com a concorrência cada vez maior dos operários entre si, os salários eram assim salários da fome, cinicamente advogados por economistas que de todo tinham esquecido o que se devia ao homem creatura de Deus. Assim como para o preço dos produtos se tinha abandonado a teoria medieval e tomista do justo preço, que se traduz pela equação despesa de esforços=economia de esforços, também para a remuneração do trabalho se puzera de parte o critério do justo salário, contrário à lei da oferta e da procura.

Era fatal a perturbação da paz, a guerra social, provocada pela justa revolta do operariado contra a condição miserável a que o sujeitavam. E só em paz pode haver produção.

Não negando a liberdade humana, nós verificamos na economia existência de leis científicas, tão certas como a lei da gravidade. A lei do menor esforço é uma lei universal. Uma economia que atenda essa lei terá sempre resultados positivos. O homem procura o maior lucro à custa do menor esforço. Sem que a força do constrangimento obrigue a esforçar-se, êle limitar-se-á ao mínimo. Tirai êsse constrangimento da vida económica — e a produção baixará, fazendo desaparecer todo o progresso. O maior aguilhão para o trabalho ainda é o interesse. Se em nome do individualismo se abandona êsse interesse a si próprio, êle só será pernicioso, como se vê no regime da liberdade económica, que confirmou o dito antigo de Plauto: *Homo hominis lupus*. Se, pelo contrário, reconhecido êsse interesse no que êle tem de legítimo, o canalizarmos para o bem comum, fazendo-o coincidir com o interesse colectivo, a harmonia reinará, porque assim o ordena o próprio interesse individual. E aqui se vê como o materialismo histórico, só chamado conceito marxista, não tem o menor fundamento: toda a criação económica é condicionada pelo facto político e social, sem o qual não existiria, ao passo que para Marx o fenómeno económico é que determinava o modo de ser social.

A Revolução Francesa foi quem inaugurou o individualismo económico, extinguindo as Corporações e proibindo, em 1791, a reunião de mais de vinte pessoas da mesma profissão para tratarem dos seus interesses. Perdeu-se por completo o sentido da função social do trabalho que passou a ser considerado como qualquer mercadoria. O egoismo pôde expandir-se largamente. Simples engrenagem da máquina plutocrática, o operário respondeu à violência com a violência. Era a guerra social, sem clemência, que começava. Organizado violentamente em classes, nas suas organizações atendia apenas aos seus interesses de salariado, que no patrão via um inimigo. O interesse da produção ficou por completo descuidado. Quem é que lh'o indicava?

Mas não basta criticar o que está ou o que se pretende: é preciso dar-se uma solução. Essa solução encontra-se numa sólida organização

corporativista donde sejam banidos todos os princípios de discórdia e, portanto, o germe dissolvente da luta de classes. A lei da solidariedade é uma lei biológica. Guiemo-nos por ela, através do sentimento da justiça cristã. Há a solidariedade entre patrões e operários do mesmo grupo económico, há a solidariedade entre os grupos económicos da mesma localidade, da mesma região, da mesma província; e como tudo deve convergir para o interesse da Nação, todos os ramos da produção são solidários entre si.

Depois de extintas as corporações, patrões e operários afastaram-se, perderam o contacto; a um regime de confiança mútua sucedeu a maior hostilidade e, como diz um industrial inglês, Mr. Whitley: «Dumado, as associações patronais julgam-se no dever de se opôr a toda a tendência, a toda a proposição formulada pelas associações operárias em vista de qualquer progresso ou melhoramento, do outro lado, as associações operárias julgam guardar fidelidade aos princípios do trabalho, opondo-se a toda proposição formulada pelas associações patronais para o desenvolvimento da produção». <sup>1</sup>

Para que cesse êste mal-estar, deve-se admitir, a intervenção do Estado — tendo à frente o Rei hereditário, única autoridade independente, cujo interesse pessoal está ligado ao interesse comum — na coordenação dos antagonismos que há entre patrões e operários, de modo a dar consciência a uns e a outros do que são os altos interesses da Nação, que se devem ter sempre em mira. Unidos todos num corpo orgânico que lhes dê uma direcção, entraremos finalmente na tranquilidade propícia a um trabalho fecundo, e patrões e operários, certos de que procuram um fim idêntico, poderão apertar-se as mãos, com franca amisade.

Como podem as almas viver uma vida cristã se o meio em que vivem lhes impõe brutalmente, se quizerem vencer, processos ferozes e o emprego da mesma crueldade? Sêde bons, — diz-se. Mas isso é fácil fazer-se... A resposta dos exortados será esta: — «Sê-lo-emos, se nos derem condições para o sermos». E creio bem que a razão lhes assiste. É preciso, como quere Jorge Guilton <sup>2</sup>, «um regime de trabalho que facilite a vida moral.» E o mesmo escritor acrescenta: «a actual ordem económica é tão contrária à moralização, como uma atmosfera de gás intoxicante o é à saúde dos pulmões».

Devemos em primeiro logar repelir todo o princípio individualista, essencialmente anti-católico, com que Lutero, Descartes e Rousseau envenenaram o mundo. O individualismo, proclamado em todas as manifestações do pensamento, porque se esqueceu que «o homem é um ser eminentemente social», gerou os milhões de egoismos que actualmente se chocam em todo o mundo, num fragor medonho.

Apressemos a restauração da civilização católica, para que ainda possamos vêr Portugal, reintegrado na sua nobre missão apostólica que fez conhecer horas de esplendôr, encontrá-las de novo, por ter regressado ao caminho que pisava com tanta segurança. Nós conhece-

<sup>1</sup> in-rev. *Études* de 20-2-925

<sup>2</sup> Cit. na «*Économie nouvelle*», ed. définit., pag. 260.

mos na nossa tradição instituições que nos asseguravam a maior paz social: era a Casa dos Vinte e Quatro, eram as corporações de artes e ofícios. As condições mudaram e por isso a restauração pura e simples dessas gloriosas agremiações não produziria hoje os efeitos desejados. Mas aproveitemos delas o que se pode adaptar aos tempos modernos, em vez de nos empenharmos numa destruição imbecil daquilo que era o fruto duma experiência sábia.

Em lugar do indivíduo, seja a família, restaurada em toda a sua dignidade e atributos, a célula fundamental da sociedade. Assim, partindo-se dum princípio orgânico — de todos o mais perfeito — a desejada construção política, económica e social, sólidamente baseada na moral cristã, terá a sua floração magnífica na Nação, que será como uma família engrandecida, com o Rei por chefe natural e garantia de todas as liberdades locais e profissionais.

Que estas mal alinhavadas regras, fechem com as seguintes palavras de António Sardinha, que são a síntese perfeita do nosso ideal construtivo:

«Reconstituamos, pois, a sociedade, reconstituindo a Família, agrupamento fundamental e primário, na sua última composição monogâmica e territorial. Da família iremos ao Município e à Corporação. Do Município e da Corporação, somados orgânicamente na Província, sairá a Pátria, servida nos seus fins superiores pela acção coordenadora da Estado. Assim encontraremos, pelos caminhos eternos e sempre remoçados da tradição, essa ordem que é natural e humana, sem a qual não há civilização nem existência possível, como o «cidadão» de Rousseau nos acaba de demonstrar, rasgando na Rússia o *Contrato Social* e caindo no «insolidarismo total» pela sua volta ao tropel errante dos símios na floresta» (1).

1 «Ao principio era o Verbo», pag. 312.

*Leão Ramos Ascensão.*

## TABOLETAS ESTRANGEIRAS

Quem se dê ao trabalho de olhar para as taboletas das casas comerciais de Lisboa, verificará que grande número delas estão redigidas em linguas estranhas, — e algumas bem estranhas, Santo Deus! Não precisamos de outros sinais para nos convenceremos da ausência absoluta de bom gosto na *nossa praça* (como soe dizer-se comercialmente) e que a estupidez grassa com piores efeitos para a língua e character portugueses, do que a febre tifoide...

A Camara Municipal de Lisboa, tomou a acertada resolução de taxar pesadamente as taboletas redigidas em idiomas estrangeiros. É preciso que todos nós apoiemos essa medida e a sancionemos, não consumindo de tais estabelecimentos ainda que com sacrificio de certas pretenções de elegância e bom tom.

## A falência do Senhor dos Passos

O monte da Graça reviveu na primeira sexta feira desta quaresma que corre, um dos seus dias antigos em que a população de Lisboa o cobria, levada pela curiosidade de ver passar a veneranda imagem do Senhor dos Passos precedida pela longa teoria dos seus aristocráticos irmãos que estravam dum rôxo brilhante as ruas que levavam a S. Roque, por entre as alas da tropa em parada que apresentava as bandas regimentais tocavam marchas escolhidas para a ocasião.

Tudo o que havia de distinto na capital, — rei, côrte, altos funcionários, pessoas de nobreza, — figuravam na procissão em que tomava parte o Cardial-Patriarca ou seu gário. E as meninas namoravam pelas janelas do precu- os conselheiros de Estado expunham ao sol suas luz- as carecas, e o povinho pasmava, ajoelhando à passagem a imagem comendo pevides e amendoim.

Foi-se a pompa oficial com o embarque do senl r p. Manuel na Ericeira. Restringuiu-se o percurso 'a procissão. Mas todos os anos, os antigos devotos não fal- am a recordar com saúde os bons tempos de S. Roque figurando activos na cerimónia, opas finas de sêda rôxa e ara de prata na mão.

O povo também não falta. E' vê-la, a multidão, compri- nindo-se dentro e fóra da Igreja, na ânsia de contemplar aquela imagem bem vestida, bem tratada, representando m Senhor dos Passos de resplendor de prata, barba feita, vergado ao peso duma cruz envernizada de madeira pre- iosa. Vem a procissão. Os sinos tocam. Desfilam os senho- es, graves, recolhidos, compenetrados de grande papel que epresentam acompanhando o Senhor que sofreu por nós. á em cima, no côro, os melhores cantores de música sa- ra de Lisboa, entoam motetes a quatro vozes. Passam an

jos, guiões, andores. O Santo lenho vem sob o pálio no meio de ricas capas de asperges onde rebrilha o oiro e a prata. Passou E começa a debandada dos devotos. A Graça agita-se coberta de gente, as businas dos automóveis põem uma nota alacre na placidez da tarde — uma tarde anunciando primavera — enquanto as vendedeiras de flores apregoam ramos de violetas — as últimas violetas que escaparam à procura dêsse dia, porque a violeta é a flôr do Senhor dos Passos...

Na Igreja, um prégador afamado, voz potente, gesto largo, faz um sermão empolado que ninguém ouve e custa centos de mil reis. No altar da Irmandade brilham centenas de luzes. Um barulho ininterrupto enche o vasto templo: gente que sai, gente que entra. E os senhores da meza da Irmandade, azafamados, extenuados, num derreamento, à noite, descansando, impam de puro gozo: — tudo feito à grande! Que pompa! — e mamam satisfeitos o charuto de após o jantar.

\*

\* \*

Que ficou de tudo isto? Que frutos para a gloria de Deus, ou que vantagem para aperfeiçoamento espiritual dos católicos?

Ai de nós! Daquela exibição de vaidade colectiva duma instituição que foi cristã, de toda a ostentação de quantos ali foram, — e são a maior parte, — sem outro espirito que não fosse a sequência duma tradição ou a satisfação duma necessidade de popularidade, nada ficou que na região superior do espirito merecesse ser assinalado, nada que pudesse ser traduzido num esforço de espiritualização, de ascensão para Deus.

Tudo formalismo! Nada do verdadeiro espirito cristão, nada de crepitação, de iluminado brilho duma vida superior, nada que assinale a presença de Deus, do Deus pai misericordioso e onnipotente a quem devemos toda a honra e glória!

Uma alma, que, levada pela sêde de Divino, peregrina do Absoluto, quizesse aí descansar do seu caminho doloroso, não encontraria no meio desses burgueses nenhuma

paz para a sua tortura, nenhum confôrto para a sua inquietação. E antes, à vista de tudo o que de material, de mecânico, de civilizado no sentido mais americano da palavra, se ostenta nesse passeio destinado a arejar uma obra de arte, se recordaria, desiludida e cheia de tristeza, daquelles cortejos pagãos que antes da vinda de Cristo faziam as delicias dos sequazes inconscientes duma religião de grosseiro politeísmo.

Não nos chega, a nós, almas cristãs do seculo XX, a exhibição do caiado sepulcro de Jesus: quem nós hoje queremos, é Cristo vivo, vivo no meio de nós, a sua palavra sem plágios do Pe. António Vieira nem retóricas de mau gosto, a sua bondade sem desfiguramentos, o Seu amôr sem preversões sentimentais. Faliu o Senhor dos Passos da Graça dos chã das 5 e das perdilecções do conselheiro Acácio. Faliu o legitimador dos baronatos comprados à sombra de escuros negócios. Faliu, — não aquele Senhor cujos beneficios os quadrinhos de promessa ingènuamente prepétuam: milagre que fez o Senhor Jesus... — mas o proprietário abastado de não sei quantos contos em pratas e paramentos.

Toda a pompa é miséria para louvar a Deus. Todos os oiros, todas as lhamas de inestimável valor, todas as pedras preciosissimas, são poeira aos olhos de Deus, poeira hoje sob uma forma, amanhã sob outra mais despresível e mais vã depois do seu sopro ter devastado a Terra...

Mas, se não encontramos neste mundo degradado e aflito nada que possa ser digno de materialisar o nosso louvor a Deus, — que maior tributo lhe podemos dar do que as nossas almas, pedras vivas para construir no céu uma Jerusalém celeste?

Não! Não nos importam, não importa às nossas almas ansiosas, às nossas inteligências preocupadas, não nos importam as lampadas eléctricas que adornam o altar do Senhor da Graça, nem as ornamentações teatrais do seu templo. Todo o exterior religioso, todo o formalismo representado por cantores em falsete, prégadores com réclame nos jornais, e grandes senhores de fraque e gravata preta, tudo isso è insufficiente para a nossa sêde religiosa.

Queremos mais. E a Igreja não no-lo recusa. Na rique-

za abundantíssima da sua liturgia há inestimáveis tesouros para o enriquecimento da nossa personalidade, há toda a sciencia da adoração de Deus em espirito e verdade.

Amor, Pobreza, Humildade: eis as grandes virtudes de que hoje necessitamos para a luta em que andamos empenhados contra as divindades torpes que se adoram nesta idade tristíssima sem Deus. Três virtudes que o Senhor dos Passos da Graça nos não pode dar com a sua frieza indiferente de imagem retocada por artistas sem a paixão cristã, com as suas ricas pratas e abundantes inscrições de 3º/ e com os pergaminhos altivos da sua irmandade a que presidiam duques e reis...

E' para os «lugares onde sopra o Espirito» que se dirigem hoje nossas peregrinações. Olhos ávidos de contemplar, corações palpitantes e ansiosos por encontrarem um Amôr que os encha, inteligências cansadas do deserto árido que as obrigam a percorrer, — em busca duma certeza, cavaleiros do Absoluto, passamos junto de todas essas manifestações sem alma, no anseio de qualquer coisa mais alta, mais clara e mais luminosa: o próprio Espirito de Deus!

MARCELLO CAETANO

---

Teoria da verdadeira civilização. Não está no gás, nem no vapor, nem nas mêsas girantes. Está na diminuição dos traços do pecado original. — *Baudelaire-Oeuvres posthumes. p. 118.*

— 0 —

A's vêses o Tirano é Caligula ou Néro, mas pode também sêr Trajano ou Marco Aurélio. A multidão é muitas vêses Caligula ou Néro e nunca Trajano ou Marco Aurélio — *Rivarol.*

# Pensamentos, palavras & obras

## As directrizes da acção

### da «ORDEM NOVA»

A par dos artigos que os nossos colaboradores irão firmando e nos quais as doutrinas que nos propomos defender aparecerão sem reбуço, publicaremos nesta secção as notas que os acontecimentos nos foram sugerindo, fazendo assim uma aplicação prática e constante dos principios enunciados.

E para que *não restem dúvidas nenhuma*s sôbre o que nós queremos, parece-nos oportuno formular o mais claramente possivel as directrizes da nossa acção.

*A attitude politica da «Ordem Nova»* — Entendemos que a mudança de regime só é possível e será fecunda quando haja um escol capaz de impor à Nação os principios salvadores, — isto é, capaz de estender a todos os beneficios que nos espiritos seleccionados tenha produzido a reforma intelectual e moral em que andamos empenhados.

Não escondemos a nossa simpatia pelo «Integralismo Lusitano» cujas doutrinas inteiramente perfilhamos. Sustentamos, no entanto, que só depois de constituido o núcleo central, só depois de conseguida a minoria inteligente e activa, se poderá adotar a formula «Em primeiro lugar, a politica».

A mudança de regime é um *meio*. Um meio para podermos fomentar o bem da nação pelas doutrinas que professamos e defendemos.

*Fala o mestre*, — Tal era nos últimos tempos o pensamento de António Sardinha, mestre querido de todos nós, num artigo que está bem gravado nas nossas almas e a que êle pôs o sugestivo titulo de «*Adiante, por*



*sôbre os cadáveres!*», — ordem de comando que constantemente ouvimos e que é a síntese do seu testamento espiritual. Nesse artigo diz António Sardinha: — «Convençamo-nos, pois, de que a questão portugueza não é separável da questão europeia, — de que a crise que o nosso paiz atravessa é a crise que atravessa a civilização ocidental. Monarquia? República? Oh, a balburdia ignóbil dos mitos que nada exprimem! O drama vem de mais longe e o seu conflito é bem mais patético. Dum lado a matéria com o seu cortejo de «conservadores» e de «radicais», adorando o mesmo Deus, — o Oiro omnipotente e aliciante. Do outro lado o Espirito, contrapondo-lhe o inefável serviço da primeira alvorada do mundo, — da alvorada inegalável da Criação.»

*O neo-tomismo* — Todos ou quasi todos os que aqui colaboram se estão educando ou educaram já o seu espirito na filosofia da Escola. A reintegração do Espirito no seu papel nobilissimo, o reencontro do objecto como medida de intelligência e condição da sua liberdade, as regras de bem-pensar, — são os principais e inestimáveis beneficios que devemos à escolástica.

Quando nos declaramos *neo-tomistas* queremos dizer que não envidamos o nosso esforço mental no sentido de repetir Santo Tomás de Aquino mais ou menos felismente comprehendido. O intuito dos que hoje se propõem trabalhar pelo renascimento tomista é *pensar* com o espirito da filosofia reencontrada os graves problemas que hoje se agitam e preocupam as nossas intelligências.

*Humanismo cristão* — A Escolástica fornece-nos um justo e equilibrado sentido do que é humano; no humano encontramos nós a medida para o nosso pensamento politico e social. E no próprio campo religioso tem até certo ponto lugar a nossa preocupação humanista. Porque assim é, repudiamos doutrinas angelistas (vulgarmente chamadas «racionalistas») e não temos arfinidades com doutrinas inintelectualistas, quer sejam do Sr. Bergson, quer tragam o rótulo do Sr. James. É ainda seguindo o mesmo critério que nos declaramos adversários do Romantismo francês, — e de todas as outras formas de individualismo que nos teem envenenado, bem como inimigos das doutrinas absorpcio-

nistas do individuo na colectividade, qualquer que seja a forma com que se apresentem.

*Intolerantes e intransigentes* — Possuidores duma doutrina, senhores duma verdade, não tentamos iludir o público com falsas declarações tendentes a captar a simpatia dos mr. Homais e sua parentela que por êsse pais fóra se encontram pelas várias boticas onde se resolvem os destinos da *civilização*...

Enquanto estivermos convencidos de que detemos uma verdade, defende-la-emos em termos exclusivistas, isto é, capitulando de *êrro* tudo o que não for o que defendemos. Não o querem?. Convençam-nos do contrário. A isto chamamos a nossa intransigência; isto denominamos a nossa intolerância.

De resto não queremos mal a ninguém; *Diligite homines, interficite errores* dizia Santo Agostinho.

«*Adiante, por sôbre os cadáveres!*» — São as palavras do nosso glorioso amigo, morto em combate, abraçado à bandeira em torno da qual nós aqui nos unimos, que nos servem de lema e de incentivo.

Por sôbre os cadáveres: por sôbre as sub-mediocridades incapazes de compreender a beleza do nosso esforço, por sobre os corpos dos que desfalecem e as almas dos que não ousam, por sôbre a gordura moral dos que não podem, por sôbre a má-vontade mortal dos que não querem, — por sôbre o que é inação, impotência, descrença, morte, nós caminharemos direitos ao nosso fim, sem desvio e sem hesitações!

M. C.

### Signos tristes

Gostaríamos de comentar ligeiramente o que se passa em torno de nós, mas em face de tanta miseria e de tanta desorientação, confessamo-nos incapazes de o fazer. Isto está de tal forma que, quem quer que tente meter-se a desvendar os mistérios de toda esta bacanal corre o risco de ficar mais dia menos dia como certos médicos de alienados: gestos bruscos, olhar desvairado e outros sintomas da especialidade.

Um dia abrimos «A Epoca» e vemos o sr. Alfredo

Pimenta a chamar *nosso presado colega* ou coisa assim ao «Diário de Lisboa», justamente quando o sr. Raul Proença numa atitude honrosíssima, arrosta com as iras da grande imprensa e tem um nobre gesto perante a proposta que lhe faziam para tomar parte como actor numa fantochada género «pendencia de honra». Depois, são os Salvadores da Patria da Cruzada Nun'Alvares que nos aparecem epiléticos no Congresso Nacionalista, desprestigiando-se perante o País, cada vês mais desenganado e desiludido dos elixires... Não há hoje em Portugal, tirando um ou outro grupo pequeno, um partido homogéneo, uma corrente unida. Onde há quatro homens com pontos de vista idênticos, (ou com idêntica ausência de pontos de vista, o que também é vulgar) há também a tendência para se scindir esse agrupamento em dois grupos de dois. Dentro em pouco será preciso incluir nas leis sobre associação e nos estatutos das colectividades um titulo denominado: «Da Scisão...»

Pois se até a *familia intelectual* se dividiu numa repetição da guerra de Alecrim e Mangerona por causa dos Painéis de Nuno Gonçalves! Seria natural que se versasse o assunto em jornais, livros, revistas, conferências, sem paixão e com aquela urbanidade que deve existir em pessoas da tal *familia* e que se ocupam de tais assuntos. Não senhor. A querela dos painéis tem sido uma demonstração do estado em que se encontram as nossas *élites*. O mesmo espirito de scisão, a mesma intolerância mal compreendida que consiste em chamar nomes aos adversários, em lhes bater e em os desprezar. Não está certo.

Agora ultimamente appareceu mais uma questão: o P.<sup>e</sup> Sena Freitas era monárquico ou republicano? Tudo isto nos faz lembrar o célebre conto de Fialho em que os inglêses combatiam nas ruas de Londres, divididos em dois partidos: o que julgava que determinada reliquia de Carlos I era uma camisa, e o que, ao contrário, defendia a opinião de que se tratava dumas ceroulas.

— Morro pela camisa! diziam uns ao baquear.

— Morro pelas ceroulas! respondiam os outros quando feridos de morte.

O pior é a recordação de Bisâncio... Recordam-se de Bisâncio, meus senhores?

## A grande diplomacia

Os jornais que mandaram enviados a Paris perguntar aos estrangeiros que preparam o salto sobre as nossas colónias, se é verdade que nos querem roubar, embandeiraram em arco apregoando aos quatro pontos cardiais a eleição do sr. Afonso Costa para a presidência da assembleia geral da Sociedade das Nações.

Celebrou-se mais uma vês, no Parlamento e na imprensa, a diplomacia republicana: aquela diplomacia que nos tem conquistado a invejável situação internacional que disfrutamos e que nos torna respeitados e temidos em todo o mundo...

Como estes homens não teem pejo de mentir ignobilmente!

E' tristissimo o conceito que hoje se faz de Portugal no estrangeiro. Nada de insultuoso nos poupam — dêsdê o «portugalisar», aplicado a desordem, a anarquia e a corrupção até à desdenhosa condição a que nos reduzem de «*quantité négligeable*» e de «*curiosité historique...*»

No ultimo número da *Revue Universelle* lêem-se, num artigo de Marcel Chaminade as seguintes linhas que nos faziam córar de vergonha se não estivessemos já acostumados a estas *amabilidades* dos nossos camaradas franceses:

*La France plie. Se couchera-t-elle pour mourir? Deviendra-t-elle un petit pays surveillé, entravé, protégé ou contrôlé, une curiosité historique, quelque chose comme Le Portugal!*

Repelimos a afronta! Mas reconhecemos também a necessidade de repelir para bem longe de nós os que, cá dentro, dão motivos para conceitos dêstes e mais a sua brilhante diplomacia.

---

O legado que recebeis de nós contém mais sacrificios que beneficios...

Todos os que vos precedemos na vida comparecemos diante de voz como factores e cúmplices, activos ou passivos, de um erro funesto. — *Carlos Malheiro Dias* — *Exortação á mocidade.*

---

# EXPEDIENTE

---

## Condições de assinatura

	6 números	12 números
Continente e Ilhas.....	12\$50	24\$00
Colónias portuguesas .....	—	36\$00
Estrangeiro.....	—	40\$00

Número avulso: 2\$50

Para os assinantes da *Nação Portuguesa* e eclesiásticos, no Continente:

6 números: 10\$00      12 números: 20\$00

As assinaturas não pagas directamente à Administração sofrem um aumento de *um escudo*, para despesas de correio.

---

DEPOSITÁRIA NO PORTO:

**Livraria Eduardo Tavares Martins, Suc., L.<sup>da</sup>**

**Rua dos Clerigos, 12 - 14**

---

*Toda a correspondência relativa a assuntos de Administração deve ser dirigida para o*

**Largo do Directório, 8, 3.<sup>o</sup>**

**LISBOA**

